

CAÇADORES DA ALMA - EP: OUTROS BRASIS

Ricardo Sena

Eu costumo falar que a câmera ela funciona das duas formas, ela pode afastar e ela pode aproximar. Depende muito como a gente lida com as pessoas.

Severino Silva

Eu sempre procurei observar muito. Eu não sou de ficar falando muito eu observo mais.

Walter Carvalho

Eu gosto de ver o sertão eu gosto de sentir o sertão. Tem muito sertão no meu livro.

Eu continuo um pouco criança diante da possibilidade de encontrar uma imagem como caçador.

Tornaghi

Há muitos Brasis dentro do Brasil. Somos centrados no Brasil urbano das Fine Arts. Aqui viajamos pelos sertões. Saímos do Brasil das fotografias de calendário turístico e fomos em busca de registros com compromisso social.

Walter Carvalho

Quando eu vou na Paraíba ou em Pernambuco, nesses lugares, eu vou ao sertão eu pego um carro e vou ao sertão e eu passei na estrada, com carro alugado, eu olhei e vi um negócio. Eu parei e voltei pelo o acostamento, a estrada não era um asfalto não era uma estrada pequena. E aí eu vi uma vaca, era uma vaca toda preta, e tinha uma lateral branca mas era uma cinta branca, como uma camisa do Vasco. Mas era 6 da tarde, não tinha mais luz não tinha o que fazer, eu não uso flash. Eu fui embora pro Rio, a gente voltou pro festival que a gente tava e tal ...Primeira chance, duas três semanas depois, eu comprei uma passagem voltei, e não só fotografei a vaca, conheci o dono da vaca, como eu queria comprar a vaca. A profissão desse cidadão, além de ter aquelas vaquinhas ali, ele fazia ferro de marcar boi. Depois de feito o ferro, ele testa o ferro na janela, nas portas, na madeira. Um alfabeto que você olha assim e parece uma coisa rupestre de uma riqueza.

Quando eu vi a janela eu fiquei louco. Mas fotografei, está no livro, essa janela está no livro.

Severino Silva

Eu nasci em um lugar que não tinha luz, interior da Paraíba, Pirpirituba, lugar bem no interiorzão. Eu tinha família muito humilde e aqui eu trabalhei em construção civil, trabalhei em comércio, mas sempre tentando ver imagens, revistas. Eu acho que a função da fotografia é informar, mostrar as pessoas que aquilo ali está acontecendo, seja uma coisa bonita, maravilha ou feia. Porque a coisa é feia mas às vezes, a coisa tá feia naquele momento mas pode melhorar. E você mostrando aquilo ali ... não tem aquele ditado “ água mole pedra dura, tanto bate até que fura.” se existe um problema em determinado local e começa a se mostrar isto daí, para a sociedade o que está acontecendo aqui, acho que pode haver mudança.

Eu acho que quando você vai fazer alguma coisa com o coração, você vê no caso do fotojornalismo que na maioria das vezes é tristeza, infelizmente é isso. E você está ali e não é só aquela imagem que você vai fazer. É você ver o sofrimento daquelas pessoas e tentar mostrar para as pessoas mas você também tem que se preocupar da maneira que você vai mostrar. Porque tem cenas que se você fizer de uma maneira muita gente nem vai querer ver. Tentar mostrar isso em uma linguagem que não choque tanto.

Primeiro de tudo, o respeito, respeito, humildade e você está ali para mostrar o que realmente está acontecendo. Você está ali, Deus te deu aquele dom, que deu a oportunidade de estar ali e mostrar que está acontecendo.

Alex Ribeiro

Em 2002 eu decidi me tornar profissional, batalhei comecei a fazer vários cursos, vários workshops e tentei me engajar dentro da área de fotojornalismo e vim caminhando, tropeçando sozinho. Até então que eu conheci um camarada, que já deve ter falado de mim, o Severino Silva. Ele olhou uma fotos minhas e falou: “ caramba seu trabalho é muito legal cara. você trabalha para alguém?” e eu falei: “ não, eu to montando portfólio.” e eu tava com uma câmera muito ruim e com uma lente pior ainda. Ele pegou uma das lentes dele, acho que era uma das melhores lentes dele e deixou comigo até eu comprar uma lente boa. São coisas de Severino.

Um fotógrafo quando ele quer fotografar, ele não pode clicar com ego, ele não pode fazer o clique com arrogância, ele tem que fazer o clique com respeito, ele não pode fazer um clique com preconceito, porque senão cada foto que ele for revelar vai ser uma queimação de filme. Então para mim isso tem que ser fundamental, tem que ser sempre, cada foto independente de quem seja, se é uma garota de programa, se é bandido, seja lá quem for fotografa mas respeita a pessoa que você está fotografando. Tudo tem que ser com respeito, independente de quem seja. O fotojornalismo em si é paixão mas a minha pegada mesmo hoje é o fotojornalismo documental. É o que eu estou produzindo atualmente.

Cacau Fernandes

A minha vida foi sempre sentada em uma banca de jornal fazendo jogo de bicho. E do lado a banca, a banca foi a minha escola, e eu via fotos eu sempre olhava crédito de Severino Silva, Estefan Radovicz, Alexandre Brum e outros fotógrafos... Me deu vontade de ser fotógrafa de estar do outro lado da notícia, e eu fui correr atrás do meu sonho, eu consegui... Conheci esse rapaz chamado Severino Silva um dia lá na Mangueira, quando eu olhei falei assim: “ você é o Severino Silva, deixa eu tirar uma foto com você.” ele me deu atenção e... Foi o Severino Silva que me deu uma máquina fotográfica porque eu não tinha condições de comprar e ele me deu uma câmera.

O Severino sugeriu que nós fossemos juntos eu, ele e o Alex Ribeiro para o sertão para desbravar o sertão. Ele falou: “ a gente tem que conhecer mais o nosso Brasil.” . Em algumas fotos eu acabei fotografando essa minha melancolia, mas na maioria das vezes nós fizemos belas fotos. Infelizmente teve lugares que não teve como você captar o belo, nós tivemos que captar o que a gente tava vendo. Olha, eu já tive momentos que foram bem impactantes, um foi no Rio Doce quando houve a catástrofe, nós descíamos desde lá

de Mariana até Linhares, Espírito Santo. É uma história que eu não gostaria de contar e acho que nenhum fotógrafo gostaria de contar, eu acho que a gente quer contar coisas boas, contar derrota acho que é meio complicado.

Xirumba

Eu sou mesmo um camelo da fotografia, eu vivo da fotografia. Essa semana mesmo eu escrevi: “ Eu vivo o ato de fotografar e o estampido do clique no meu pensar. Eu só aprendi com o primeiro tiro, é por isso que eu digo que gosto de escutar o estampido do clique. Porque se eu escutei o estampido do clique é porque foi junto com que foi visto com o que tava na minha frente.” aí dá tudo certo. Então é por aí que tá a minha fotografia.

E eu aconselho a quem ser fotógrafo de rua, passe no mínimo 1 ano no jornal, porque é lá que você aprende a matar a cobra e mostrar o pau, mas não precisa mostrar só o pau mas traz a cobra também, traz tudo junto. Aí depois que você passar 1 ano lá, você faz isso você está pronto para qualquer pega de boi, não tem problema, vai se dar bem.

Juca Martins

Eu defendo sempre uma atividade do cidadão, defendo sempre uma ação política. A fotografia para mim é meu instrumento de trabalho, mas eu antes de ser fotógrafo eu sou um cidadão e um ser político.

Parte da abertura democrática eu tenho muitas imagens que contam essa história. Como que os sindicatos começaram a se organizar, como surgiram as lideranças, a própria liderança do Lula que chegou à presidência da república. Eu tenho um acompanhamento fotográfico disso, partes de repressões à minorias, problemas ambientais, O Brasil era muito descuidado com a questão ambiental, ele melhorou ao longo do tempo mas ele ainda não resolveu vários problemas.. você vê que a Amazônia continua sendo queimada, as árvores continuam sendo derrubadas

Ricardo Sena

Eu me interessava pelo primeiro momento somente às paisagens, só as formações geológicas, o elemento humano eu excluía da fotografia. Eventualmente aos poucos ele começou a ser incluso, comecei a me interessar pela figura humana, pelas suas questões pela sua cultura pelos seus problemas. Então eu costumo falar que a minha fotografia ela migrou da fotografia de paisagem para a fotografia humana. Então eu diria que essa é a gênese da minha fotografia.

Eu gosto muito da fotografia preto e branco. A fotografia colorida por si só é muito bonita, então muitas vezes ela tem uma armadilha. As pessoas gostam das cores não gostam da fotografia. A fotografia preta e branca ela é mais isenta. Eu posso falar assim: “minha fotografia é preta e branca, embora às vezes, eu flerto com a cor.”. Eu costumo falar muito que o meu processo é uma fotografia relacional, eu vou dentro das comunidades de forma exaustiva, e estabeleço um processo de confiança de certa forma que eu já fico mais camuflado, despercebido, eu já consigo realizar uma fotografia mais isenta. Não é uma fotografia de um turista, não é uma fotografia de um passageiro que está em um lugar exótico de um lugar que está fora do nosso lugar habitual da nossa cidade grande. Eu sempre tento buscar a minha característica o meu retorno, por diversas vezes aos lugares e a gente

adquire uma relação uma confiança com a comunidade e seja comunidade pesqueira, de garimpo.

As personagens que encontramos nesses diversos lugares eu acho que eles são mais donos da foto do que o fotógrafo que a fez. Então eu acho que eu to legitimando o respeito que eu tenho por eles e acho que é uma obrigação minha esse retorno essa atenção. É uma forma de estar homenageando eles, e muitas vezes que eu tenho observado também é que são as primeiras fotos que eles estão recebendo na vida né, excetuando a foto da carteira de identidade... mas é a primeira foto dele no ambiente dele então é muito emocionante. Isso acabou gerando até uma série que eu intitulei como Olho no Olho, que era o momento que eu retornava e entregava a foto para o fotografado, fazia uma outra foto dele segurando e eu tenho isso sucessiva vez, três, quatro vezes o fotografado aparece na própria foto, até mostrando esse meu comportamento do retorno da entrega da fotografia.

Hélia Scheppa

A fotografia, a minha fotografia pelo menos ela mudou muito não sei se é o amadurecimento do tempo, da gente mesmo, mas tudo o que eu fiz e que eu venho fazendo ela cada vez mais vem me modificando. As pessoas que você vai encontrando, as pessoas que vão te ensinando, a dor que você lida. Quando eu estou em uma pauta, quando eu estou com o equipamento na mão e eu estou fotografando eu nunca sei de nada. Então o mundo exterior que vai me mostrando, está me ensinando. Eu posso até ter a ideia de que eu quero fotografar aquilo, mas eu posso não fazer nada daquilo que eu tenho em mente, porque é ele que vai me trazer um outro tipo de reação de situação. Então assim, o fotógrafo tem que estar sempre aberto a esse aprendizado, porque é vida, é respeito é educação, é você saber que está em um ambiente e ali você está de passagem. Você chega passa ali 10 minutos, 5 minutos e olhe lá e vai embora e você arranca dali muita coisa. Você tem que tirar... o arrancar é meio forte mas é uma forma de você passa levando alguma coisa daquela situação.

O Paisagens Oníricas na verdade ele é um apanhado de todas as imagens que eu vinha fazendo com o celular. Eu viajo mesmo, eu deixo.. eu vou testando, às vezes já penso em uma foto que eu fiz hoje e daqui há 3 semanas ou meses eu faço a outra e penso e colo e faço.. e vou testando até um resultado que me agrada. As vezes eu fico até achando que está demais as viagens mas é tão livre não é nada comercial até então ali... então pra mim o que tá me agradando, tá me deixando satisfeita eu gosto, então aí eu posto. O Oníricas foi isso, Paisagens Oníricas foi bem despretensioso e foi bem intuitivo.

Ieda Marques

Apesar de ter nascido em uma região considerada muito dura, muito difícil porque é região de semiárido, nosso dia a dia ele é muito rico, e em geral essa riqueza não é vista, então eu juntei o trabalho da fotografia com esse cotidiano e trazendo essa força do cotidiano de sobreviver dentro de uma região tão difícil mas com um olhar muito delicado, muito específico e de revelar a alma dessa população que somos nós.

Às vezes as pessoas me perguntam se eu tenho consciência que eu fotografo uma região pobre. Eu digo: “ o que é a pobreza?”. Nós somos muito conhecidos no sertão nordestino

pela fome, pela seca então quando eu começo a revelar as cozinhas a mostrar o nosso cenário ela toca as pessoas que vivem naquele lugar e que não enxerga só as coisas que estão no caminho.

A gente não precisa de muita coisa e quanto mais simples a gente for menor predador você é. Então acho que eu quero passar essa mensagem para as pessoas então eu fotografo lugares simples de vida simples, a minha vida é simples eu vim de uma família simples e que o trabalho leve isso.

João Roberto Ripper

Cada um de nós pode ser feliz e pode contribuir para um mundo melhor. Eu acho que de alguma maneira, a informação e quem detém a informação está mudando o mundo para pior. Existe um contexto político que a comunicação faz parte dele e que ela sabe que retira a beleza, torna distante, torna não reconhecido, e fica fácil de você manipular e deixar aonde está.

O estereótipo está ligada ao poder e no fundo o estereótipo é a capacidade de você dizer “você fique aí, você é só isso que eu digo que você é.”.

Eu me identifico com os locais e com as comunidades pra onde eu vou. O que eu mais tenho feito agora é documentado populações tradicionais quilombolas, índios, seringueiros, caatingueiros, vazanteiros, colhedores de flores, pessoas que vivem só de colher flores. E que tem uma luta fantástica porque estão enfrentando os conflitos com os parques nacionais e estaduais, que é uma coisa necessária é útil, mas a forma como foi implantada esqueço que ali existiam populações tradicionais. E que de que aqueles parques todos de quase todos os parques foram escolhidos porque eram preservados e eram preservados porque essas populações existiam. E essas populações estão travando uma luta contra mineradora, contra o eucalipto, contra a soja.. Hoje eles são perseguidos e muito perseguidos e precisam de visibilidade. Isso para mim é maravilhoso porque são pessoas lindas, são pessoas de uma resistência de uma dignidade, de uma beleza de uma sensualidade e que estão ali, fazem uma luta mas não ficam com a cara feia, faz uma luta mas tem um sorriso...

Nair Benedicto

A gente já demorou, estamos atrasados, muito. Eu acho que o momento é de ação, nós temos que ir a luta da forma que a gente consiga.

Tornaghi

Nair Benedicto é uma fotógrafa que já nasceu clássica. Suas fotos sobre colhedores de sisal jamais se apagaram da história da fotografia. Permaneceram contemporâneas sempre.

Nair Benedicto

Nos anos 80, Paraty era uma pequena cidade que tinham os seus ícones, os seus personagens. E eu fiz um trabalho que era o seguinte: “como você quer ser fotografado?”. A gente fez uma exposição e nessa exposição foi engraçado porque a diretora, da Casa de Cultura de Paraty, um dos personagens que eu fotografei foi a bisavó dela que era uma negra casada com um italiano e essa Casa da Cultura tem uma história antiga foi várias

coisas inclusive o clube. O italiano podia entrar no clube mas ela, que era negra, não. De repente olha a situação a diretora da Casa de Cultura era bisneta de uma negra que foi impedida durante a vida de entrar na Casa da Cultura e entrou em 2013 em uma exposição de fotografia aonde ela era um dos personagens.

Claudia Andujar

Conheci o Darcy Ribeiro, o antropólogo ele viu meu trabalho de fotografia e achou que eu deveria conhecer os povos indígenas. Então ele sugeriu ir nos índios carajás. Eu acho que fiz realmente meu primeiro ensaio fotográfico com aproximação dos povos indígenas, lá

Depois eu mesma procurei conhecer um outro povo indígena, esse segundo povo eram os índios bororo. Encontrei um povo sofrido. Porque eles já passaram pelo contato com os brancos, com os não indígenas da região, que queriam ocupar a terra deles para começar a trabalhar na agricultura.

Eu ainda trabalhava como freelancer, para uma revista chamada 'Realidade'. Falaram: “olha, a única coisa que a gente agora não quer é você fotografar índios.”. Era uma questão da época militar no Brasil, e que ficaram com medo que os índios são gente que estão sempre sendo aproveitados, maltratados, então o governo não vai gostar que eu comece a fotografar índios maltratados.

Evandro Teixeira

Tem uma questão de conviver com o personagem, interagir, conversar, trocar imagem. Você tem que sentir a alma de cada entrevistado. Assim eu fiz em Canudos. Canudos era uma gente fabulosa um aprendizado e eu adorava ficar lá com eles, conviver lá com eles mas você tem que sentir a alma de cada entrevistado, para você saber com quem você ia trabalhar para você interagir com seus personagens, você saber conviver com seus personagens sem tirar resultados, imagens. Não é simplesmente você chegar lá e clicar e fotografar.

Foi uma lição de história de Canudos com aqueles velhinhos todos, por isso que eu fiquei... Os velhinhos me deixaram saudade.